

A UCS É
PRA VOCÊ
QUE CRIA O
FUTURO.



XXIX Encontro de Jovens Pesquisadores
e XI Mostra Acadêmica de Inovação e Tecnologia

De 5 a 7/10

Local: UCS - Cidade Universitária,
Caxias do Sul

jovenspesquisadores.com.br



FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE DE
CAXIAS DO SUL

UCS
UNIVERSIDADE
DE CAXIAS DO SUL



REVELANDO O SI MESMA NA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: IMPLICAÇÕES DO GRUPO OPERATIVO EM MULHERES

Autoras: Virgínia Cordeiro (BIC-UCS), Maria Eduarda Cioato (bolsista voluntária), Bruna Grabowski (voluntária, CRP 07/33260) e Raquel Conte (orientadora)

INTRODUÇÃO

Na fundação da psicanálise, a figura feminina foi central a partir do discurso histórico. A mulher atrelada a um imaginário social, construído ao longo do tempo pela cultura patriarcal e machista, assumiu um lugar de subordinação nas relações de gênero. A cura pela fala, inaugurada por Freud, enfatizou a importância de dar voz ao sofrimento psíquico através da reflexão do si mesmo. Este trabalho apresenta os resultados parciais da última fase da pesquisa-ação intitulada “Mulheres no coletivo: formas de superação da dominação masculina” no período de agosto a dezembro de 2019. A pesquisa visa apresentar alguns dos sentimentos e pensamentos associados às atitudes de oito mulheres que experienciaram a violência de gênero e buscaram o grupo psicoterápico ofertado pelo Laboratório de Práticas Psicológicas no Serviço de Psicologia Aplicada (SEPA) da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

OBJETIVO

Apresentar alguns dos sentimentos e pensamentos associados às atitudes de oito mulheres que experienciaram a violência de gênero e buscaram o grupo psicoterápico ofertado pelo Laboratório de Práticas Psicológicas no Serviço de Psicologia Aplicada (SEPA) da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

MÉTODO

- **Delineamento:** Qualitativo e Transversal com objetivos alinhados à pesquisa exploratória e interpretativa (Marconi & Lakatos, 2008). Participantes: 8 mulheres entre 30 e 60 anos, encaminhadas pela Coordenadoria da Mulher (Caxias do Sul) que buscaram o serviço de Psicologia. Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, estas mulheres participaram de uma entrevista inicial e, posteriormente, de 12 sessões grupais.
- **Instrumentos:** para a coleta de dados foram elaboradas uma entrevista inicial e 12 sessões grupais.
- **Procedimentos:** Após a aprovação do projeto (Comitê de Ética/UCS), conforme Resolução 510/2016, sob número: 3.581.614, as mulheres foram contatadas para a entrevista inicial e, posteriormente, para o ingresso ao grupo de mulheres no SEPA. As sessões foram gravadas e transcritas para posterior recorte e análise dos conteúdos verbalizados, de acordo com o objetivo da pesquisa.
- **Referencial de Análise:** Análise de conteúdo (Marconi & Lakatos, 2008) com os seguintes passos:
 - fragmentar o material transcrito, buscando maior compreensão do fenômeno estudado;
 - agrupamento e emparelhamento de elementos com similaridade de sentido, criando-se categorias *a posteriori*;
 - categorias elencadas de acordo com o objetivo da pesquisa e o referencial da psicanálise e dos grupos operativos.

REVISÃO DE LITERATURA

O Brasil encontra-se na quinta posição no tocante a violência de gênero, denunciando um problema de nível mundial. Os altos índices de violência contra as mulheres ressaltam a importância de estudos precisos na área a fim de compreender essas relações de abuso (Cerqueira et al., 2017). A violência contra a mulher tem sido associada, atualmente, com o termo violência de gênero. O principal argumento para a utilização desses conceitos, de acordo com as autoras (Saffioti, 2011 & Scott, 1995) se dá pela relação entre a violência que ocorre em maior parte com as mulheres decorrente de uma organização social de gênero que privilegia o masculino. Scott (1995) enfatiza que gênero é uma percepção acerca das diferenças sexuais, sendo que estas são hierarquizadas pela cultura patriarcal e machista. Para Saffioti (2011) às relações de gênero, classe social e de etnia condicionam o pensamento e a percepção do sujeito sobre o mundo e suas relações.

No que tange ao formato do grupo proposto para as intervenções com as participantes, o propósito dos grupos operativos é a resolução de uma situação em comum, mas que possui características particulares a cada integrante, a partir da interação entre introjeções e projeções, dispostas na dinâmica grupal pelas participantes deste grupo; ocasionando um fortalecimento egóico desses sujeitos. Portanto, o grupo operativo visa contribuir como uma possível intervenção, numa perspectiva coletiva, com mulheres que vivenciaram a violência de gênero com seus parceiros, já que é uma experiência que favorece novas aprendizagens e novas formas de vinculação. A partir da experiência em grupo, é possível romper com estereótipos que levam à alienação do sujeito (Pichón-Rivière, 1998). O objetivo deste trabalho é o de discutir acerca das implicações do trabalho do grupo operativo com mulheres que vivenciaram ou vivenciam a violência de gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos relatos das participantes, foram observados sentimentos de vergonha, humilhação e ambivalência afetiva em relação aos seus parceiros. O discurso sobre os papéis e funções das mulheres - reforçado pela cultura e internalizado pelas mesmas - contribuíram para a perpetuação e manutenção de seus relacionamentos. Estes aspectos foram destacados das narrativas das participantes a fim de compreender os atravessamentos da cultura e da violência na psique das mulheres.

Como manifestação narrativa de **sentimentos** das integrantes, destaca-se a ambivalência afetiva, a vergonha e a humilhação, demonstradas nas falas “*ele podia parar de sair com as mulheres e ficar comigo, me cuidar, olha o meu estado*” (sic); “*além dele ter outras mulheres sempre me agrediu, fiquei em cárcere privado junto com meus filhos, às vezes passando dias sem comer e sem tomar água.*” (sic); “*se Deus quiser vai melhorar, ele tá com a medicação e tá mais calmo, espero que dure*” (sic). A vergonha e humilhação estão relacionadas a culpabilização da mulher e a posição vitimizada (Matos & Machado, 2011). Dar-se conta e assumir que a pessoa escolhida como seu companheiro é um agressor, traz à mulher sentimento de fracasso na vida a dois perante a sociedade e os julgamentos que esta lhe implica - o que silencia as mulheres frente às agressões sofridas (Góes, 2019). Quanto a ambivalência, os sentimentos de amor e ódio traduzem ligação e ruptura com o agressor (Abreu, 2015).

No que tange aos **papéis de gênero**, algumas falas aqui destacadas imprimem o esperado socialmente das mulheres, como: “*mas*

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participante	Idade	Situação econômica	Estado civil com agressores	Filhos
1	30 anos	Desempregada - Recebe o Benefício de Prestação Continuada (BPC)	Reside com o parceiro.	Sim
2	35 anos	Empregada	Divorciada	Não
3	30 anos	Desempregada - Recebe auxílio do Programa Bolsa-Família	Divorciada	Sim
4	55 anos	Empregada	Casada	Sim
5	60 anos	Aposentada	Divorciada	Sim
6	60 anos	Aposentada	Divorciada	Sim
7	60 anos	Aposentada	Divorciada	Sim
8	50 anos	Desempregada	Divorciada	Sim

vou fazer o quê? Eu fui educada para lavar a louça, a roupa, quem não foi é problema delas, mas ele poderia valorizar isso né?” (sic); “*eu e um lustre era a mesma coisa. Eu servia de um objeto de enfeite da casa. Quando ele queria me exibir, me mandava me pintar e saía comigo. Mas, quando eu queria algo, ele nunca queria fazer. Então, eu era vista quando ele precisava de mim, até para o sexo era assim*” (sic). À mulher cabe o papel de cuidadora do lar, do marido e dos filhos, sendo interdita pelo marido e, também, pela sociedade, de ocupar outros espaços (Abreu, 2015).

Os **processos de identificação** das participantes, ao longo dos 12 encontros, foi outra temática identificada. Como exemplificação, traz-se falas de três participantes em processo identificatório: “*Meu primeiro marido era agressivo e batia em mim na frente das minhas filhas*” (sic), em seguida, outra participante revela: “*Eu também passei por isso de precisar me separar do meu primeiro marido por conta de agressão e foi difícil a separação, porque trabalhávamos juntos*”; a próxima integrante alega “*eu sei como é viver com medo... por um bom tempo tolerei por causa dos filhos*” (sic). O progresso das identificações cruzadas (Winnicott, 1971/1975) possibilita espaço criativo de construção e diferenciação do *self*, o que pode ser observado através das falas das participantes que se reconhecem nos relatos das demais. No tocante ao **fenômeno da diferenciação** das integrantes, uma delas afirma “*elas são vagabundas que devem pegar os homens soltos e não casados!*” (sic). Comenta, ainda, que se não fossem elas (as amantes), eles (os maridos) não fariam isso (traição). Além disso, diz que ela não tem mais relações com seu marido porque o corpo dela não é “*banheiro público*” (sic). Essas narrativas reproduzem e perpetuam a violência contra a mulher pela própria mulher (Conte, 2020). Outra, então, rebate: “*Tu está culpando as mulheres e está parecendo que seu marido foi amarrado se encontrar com as outras mulheres*” (sic). A comunicação de confiança e a ressignificação das vivências a partir do discurso grupal demonstram-se assertivas para a reflexão e superação da violência sofrida.

CONCLUSÕES

A filiação e pertinência no grupo faz-se importante para as mulheres conseguirem expressar-se à vontade diante das trocas de experiências que fazem ao longo dos encontros. A partir da escuta e devolutivas entre as mulheres, foi possível refletir sobre seus sentimentos, repensar seus papéis e funções, suscitando identificações, diferenciações e encorajamentos. A intervenção grupal demonstrou ser um importante instrumento facilitador da fala, promovendo o protagonismo da mulher. Além disso, a partir dos processos de identificação e reconhecimento, as mulheres puderam repensar a si mesmas, bem como as violências experienciadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, M. S. (2015). As facetas da dependência econômica como obstáculo para mulheres que sofrem violência doméstica e familiar. trabalho de conclusão de curso, bacharelado em serviço social, Universidade de Brasília, DF.
- Cerqueira, D. et al. (2017). Atlas da Violência. IPEA e FBSP. In: Atlas da Violência 2017-Ipea e FBSP. p. 69-69.
- Conte, R. f. (2020). *O corpo ferido e a feminilidade na violência de gênero*. Curitiba: Editora Appris.
- Freud, A. (1974). *O ego e os mecanismos de defesa*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- Freud, S. (1895). Estudos sobre a histeria. in: Freud, s. edição standard brasileira das obras psicológicas completas de sigmund Freud. v. 2. Rio de Janeiro: imago, 1990, p.15-297.
- Góes, E. (2019). A vergonha social e o medo: obstáculos para a superação da violência doméstica contra a mulher. Brazilian Journal of Development, 5(11), 23627-23645. doi:10.34117/bjdv5n11-069
- Matos, M. & Machado, A. (2011). *Violência doméstica: intervenção em grupo com mulheres vítimas de violência doméstica*. porto: comissão para a cidadania e igualdade de gênero. <https://www.cig.gov.pt/siic/wp-content/uploads/2015/01/viol%3%ancia-dom%3%a9stica-interven%3%a7%3%a3o-em-grupo-com-mul-heres-v%3%adtimas.pdf>. 2011.
- Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2008). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. (7 ed.). São Paulo: Atlas.
- Pichón-rivière, E. (1998). *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Saffioti, H. I. B. (211). *Gênero, patriarcado, violência*. (2. ed.). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (originalmente publicado em 1971)
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris.